



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ORIENTAÇÃO: Planificação e Desenvolvimento Regional (PDR)

Projecto de Fim do Curso

**PERFIL MIGRATÓRIO DOS VENDEDORES INFORMAIS NA CIDADE DE
MAPUTO**

Alcidio Vasco Comundela

Maputo, Março de 2026

**PERFIL MIGRATÓRIO DOS VENDEDORES INFORMAIS NA CIDADE DE
MAPUTO**

Projecto apresentado à Faculdade de Letras Ciências Sociais, Departamento de Geografia,
como proposta parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Geografia pela Universidade
Eduardo Mondlane

Departamento de Geografia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Estudante: Alcidio Vasco Comundela

Supervisora: Professora Doutora Inês Macamo Raimundo

Maputo, 2026

Oponente	Presidente do Júri	Supervisor	Data
			/ /

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **Alcidio Vasco Comundela**, estudante de Geografia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da Universidade Eduardo Mondalne (UEM), declaro por minha honra, que este Projecto de Pesquisa é de minha autoria e nunca foi apresentado na sua essência ou parcialmente em alguma instituição de ensino (superior), para a obtenção de qualquer grau académico e que constitui o resultado da minha investigação pessoal e independente, com a supervisão da Professora Doutora Inês Macamo Raimundo, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas, as fontes que foram utilizadas para sua elaboração.

Alcidio Vasco Comundela

DEDICATÓRIA

Dedico este projecto, antes de tudo, a Deus, cuja presença iluminou cada passo da minha vida académica e me deu força para superar cada desafio. À minha querida mãe, exemplo de amor, coragem e sacrifício. Sem o seu apoio constante, nada disto seria possível. Aos meus professores da UEM, amigos e colegas que deixaram marcas profundas no meu crescimento académico e pessoal.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, rendo graças a Deus por todas as maravilhas realizadas na minha vida. Pela força, protecção e sabedoria que me concedeu em cada etapa deste percurso, permitindo-me alcançar mais esta conquista.

Expresso, de forma muito especial, a minha profunda gratidão à minha querida mãe, Dulce Nhama Jemusse. O seu amor incondicional, o sacrifício constante e a sua dedicação plena foram fundamentais para que este sonho se tornasse realidade. Sem o seu esforço diário e o seu exemplo de coragem e perseverança, nada disto teria sido possível. Esta vitória é também sua, Mãe.

Dirijo igualmente o meu sincero reconhecimento aos meus tios Pedro Gonçalves Faela e Lúcia Jemusse Faela, pelo acompanhamento, pelo cuidado, carinho e acolhimento que sempre me proporcionaram. O vosso apoio tornou o meu caminho mais leve e seguro, e grande parte desta caminhada foi possível graças a vós. Que Deus vos abençoe abundantemente, assim como aos vossos filhos.

Agradeço profundamente aos meus irmãos, em especial Esperança Vasco Comundela, Sidique Vasco Comundela e Fernando Vasco Comundela, pelo apoio, incentivo e compreensão demonstrados ao longo deste percurso. Cada gesto vosso contribuiu para a concretização deste objectivo, e por isso vos estou sinceramente grato.

À minha supervisora, Professora Doutora Inês Macamo Raimundo, deixo um agradecimento muito especial pela orientação, disponibilidade, paciência e rigor científico com que acompanhou este trabalho. Sou profundamente grato pela confiança e apoio que me concedeu.

A todo corpo docente da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), que deram suas contribuições durante todo período de ensino e aprendizagem, dedico a minha gratidão.

Aos colegas e amigos Adil Edmundo, Joaquina Mutapate, Heráclito Fagenio e a todos aqueles que, mesmo não mencionados, contribuíram de forma directa ou indirecta para o meu desenvolvimento, manifesto a minha sincera gratidão.

Por fim, aos meus amigos e irmãos Moisés Ernesto Sande, Celso Rerai e Domingos Dique, expresso o meu profundo agradecimento pela amizade, apoio inabalável e encorajamento contínuo.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASSOTSI – Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal

CENACARTA – Centro Nacional de Cartografia e Teledetecção

FLCS – Faculdade de Letras e Ciências Sociais

INE – Instituto Nacional de Estatística

INFOR – Inquérito Nacional ao Sector Informal

JICA – Japan International Cooperation Agency (Agência de Cooperação Internacional do Japão)

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRE – Programa de Reabilitação Económica

RGPH – Recenseamento Geral da População e Habitação

UNFPA – United Nations Population Fund (Fundo das Nações Unidas para a População)

RESUMO

O presente projecto procura estudar o perfil migratório dos vendedores informais na Cidade de Maputo, com foco nas características demográficas, nomeadamente sexo, idade, escolaridade, local de origem e renda e nos factores que explicam a sua inserção no sector informal. O projecto de pesquisa parte do pressuposto de que o comércio informal representa uma das principais alternativas de subsistência para a população migrante, especialmente face às limitações do mercado de trabalho formal. O projecto de pesquisa assume que as migrações internas em Moçambique são marcadas por padrões de circularidade e adaptação, reflectindo desigualdades territoriais e sociais entre as regiões rurais e urbanas. A Cidade de Maputo, enquanto principal polo de atracção, acolhe um número crescente de migrantes que, face à escassez de emprego formal, recorrem ao comércio informal como estratégia de sobrevivência e integração económica. Neste contexto, procura-se compreender as trajectórias migratórias, as motivações migração para a capital, as dificuldades enfrentadas e as estratégias de sobrevivência económica adoptadas por eles.

Palavras-Chave: Migração interna; Perfil migratório; Comércio informal; Vendedores informais; Cidade de Maputo.

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA	II
AGRADECIMENTO	V
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	VI
RESUMO.....	VII
CAPÍTULO I.....	1
1. Introdução	1
1.1.1. Breve Revisão de Literatura	3
1.1.2. Formulação do Problema de Pesquisa.....	4
1.2. Objectivos	6
1.2.1. Geral.....	6
1.2.2. Específicos	6
1.3. Hipóteses.....	6
1.4. Justificativa.....	6
CAPÍTULO II.....	8
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	8
2.1. As Teorias Migratórias.....	8
2.2. Abordagens Micro (Individualista).....	9
2.2.1. O Modelo Push-Pull (Leis da Migração de Ravenstein).....	9
2.3. QUADRO CONCEPTUAL.....	10
2.3.1. Migração.....	10
2.3.2. Emigração.....	11
2.3.3. Imigração.....	11
2.3.4. Fluxo Migratório	11
2.3.5. Economia Informal.....	12
2.3.6. Comércio Informal	12

2.4. Características Sociodemográficas dos Migrantes.....	13
2.5. Classificação do Comércio Informal	14
2.6. Características Demográficas dos Vendedores Informais	14
2.7. Factores que influenciam o comércio informal	15
CAPÍTULO III	17
3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	17
3.1. Localização Geográfica e Divisão Administrativa.....	17
3.2. Caracterização físico-geográfica da Cidade de Maputo	18
3.2.1. Clima	18
3.2.2. Solos	19
3.2.4. Relevo.....	20
3.2.5. Uso e cobertura da terra	21
3.3. Caracterização socioeconómica	22
3.3.1. População	22
3.3.2. Actividades económicas	24
CAPÍTULO IV	25
4. METODOLOGIA	25
4.1. Métodos Qualitativos e Quantitativos	25
4.2. Técnicas de recolha de dados aplicadas na pesquisa	25
4.2.1. Entrevistas Semiestruturadas.....	26
4.2.2. Inquérito por Questionário	26
4.2.3. Observação Directa	27
4.2.4. Análise documental	27
4.3. Pesquisa bibliográfica	28
4.4. Método Estatístico	28
4.5. Análise dados	29
4.5.1. Dados do inquérito.....	29

4.5.2.Dados das entrevistas	30
5. Cronograma das actividades	30
6. Recursos.....	30
7. Referências Bibliográficas	32
8. Anexos	37

Índice de Figuras

Figura 1: Mapa de Localização Geográfica da Área do Estudo.....	17
Figura 2: Mapa de Solo da Área do Estudo	20
Figura 3: Mapa do Relevo e Hidrologia da Área de Estudo	21
Figura 4: Mapa de Uso e Cobertura da terra da Área do Estudo	22

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Termo Pluviométrico	19
Gráfico 2: População da Cidade de Maputo em Percentagem (%) de acordo com Dados do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2017.....	23

Índice de Tabelas

Tabela 1: As Principais Teorias de Migração.....	8
Tabela 2: A Divisão Administrativa da Cidade de Maputo	18
Tabela 3: A População da Cidade de Maputo, segundo o Censo Populacional de 2007 e 2017	23
Tabela 4: Cronograma das Actividades.....	30
Tabela 5: Recursos e Orçamentos.	31

CAPÍTULO I

1. Introdução

O estudo tem como objectivo estudar o perfil migratório dos vendedores informais na Cidade de Maputo, no período compreendido entre 2007 e 2021. A escolha desta delimitação temporal justifica-se pelo facto de, nesse intervalo, terem sido realizados o III e o IV Recenseamento Geral da População e Habitação (2007 e 2017), bem como, em 2021, o Inquérito Nacional ao Sector Informal (INFOR), conduzido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

A Cidade de Maputo, capital e principal centro económico de Moçambique, tem assistido um crescimento acentuado do sector informal, fenómeno que se tornou particularmente visível nas últimas décadas, à medida que se intensificaram os processos de urbanização e migração interna (PNUD, 1998; INE, 2022). Entre os vários segmentos que compõem este sector, destacam-se os vendedores informais, operadores económicos que, apesar de não estarem integrados no sistema formal, desempenham um papel fundamental no abastecimento da cidade, na criação de emprego e na dinamização das economias locais (Amaral, 2005). Estes actores urbanos surgem como resposta directa às limitações do mercado formal de trabalho, caracterizado por uma elevada taxa de desemprego e por uma baixa capacidade de absorção da mão-de-obra migrante, sobretudo proveniente das zonas rurais (Amaral, 2005; PNUD, 1998).

O estudo do perfil migratório destes vendedores permite compreender melhor as dinâmicas socioeconómicas que estruturam o tecido urbano da Cidade de Maputo. Em grande parte dos casos, trata-se de indivíduos que se deslocaram para a capital em busca de melhores condições de vida, impulsionados pela pobreza persistente nas suas regiões de origem, pelas consequências dos conflitos armados, ou pela simples ausência de oportunidades (Muanamoha e Raimundo 2018; Raimundo e Muanamoha, 2013). De acordo com os autores supracitados assinalam que as migrações internas em Moçambique são marcadas por padrões de circularidade e adaptação, reflectindo desigualdades territoriais profundas e a procura de inserção em contextos urbanos considerados mais promissores. Neste sentido, o mercado informal funciona como espaço de acolhimento e sobrevivência, mesmo que à margem das estruturas formais de regulação.

Autores como Ibraimo (2022) e Muanamoha e Raimundo (2018) demonstram, a partir dos dados do censo de 2017 e de estudos anteriores, que os migrantes que se inserem no sector informal são maioritariamente jovens, com baixos níveis de escolaridade, e provenientes de províncias como Gaza, Inhambane e Zambézia. Esta realidade revela uma forte selectividade migratória, orientada por factores económicos e por redes sociais previamente estabelecidas (Campos, 2015; Castiglioni, 2009). O comércio informal, especialmente nos mercados urbanos e nos espaços públicos de Maputo, tem assim um carácter marcadamente migratório, com implicações directas na organização do espaço urbano e na dinâmica social da cidade (Chaveiro e Macaringue, 2015).

A expansão do sector informal, e particularmente do comércio exercido por migrantes internos, coloca desafios à governação local, à ordenação do território e à formulação de políticas públicas mais inclusivas. Ao mesmo tempo, exige uma reflexão crítica sobre os modelos de desenvolvimento adoptados e sobre as formas como os cidadãos, em especial os migrantes, constroem estratégias alternativas de inserção e resistência no espaço urbano (Araújo, 2003; Chaveiro e Macaringue, 2015; Clepss, 2009).

Este projecto propõe-se, assim, estudar o perfil migratório dos vendedores informais na Cidade de Maputo, com o objectivo de compreender as suas trajectórias, as motivações que os conduziram à capital, as dificuldades que enfrentam na sua inserção urbana, bem como as estratégias que mobilizam para garantir a sua sobrevivência económica.

Entretanto, a estrutura do presente trabalho organiza-se em cinco capítulos. O Capítulo I corresponde à secção introdutória, integrando a apresentação do tema, a revisão da literatura, a formulação da problemática, os objectivos, as hipóteses de investigação e a fundamentação da sua relevância. O Capítulo II dedica-se ao enquadramento teórico, no qual se estabelecem as bases conceptuais e analíticas que sustentam a investigação. No Capítulo III procede-se à caracterização da área de estudo, contemplando os seus aspectos físicos, geográficos e socioeconómicos. O Capítulo IV expõe a metodologia adoptada, explicitando os procedimentos e técnicas utilizados para o alcance dos objectivos propostos. Finalmente, o Capítulo V apresenta os recursos necessários à execução da pesquisa, o cronograma das actividades previstas e, complementarmente, as referências bibliográficas que sustentaram a elaboração do trabalho.

1.1. Breve Revisão de Literatura

O Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano de Moçambique (PNUD, 1998) constitui uma referência central para a compreensão das dinâmicas socioeconómicas que moldaram a informalidade urbana no período pós-independência. No contexto da Cidade de Maputo, o documento evidencia o crescimento do sector informal como resposta directa ao desemprego e à incapacidade do sector formal em absorver a mão-de-obra disponível. Nesse cenário, o comércio informal tornou-se uma estratégia de subsistência para milhares de indivíduos, sobretudo mulheres e jovens, frequentemente marginalizados no acesso ao emprego formal. Ainda que caracterizado por instabilidade e ausência de protecção social, o sector informal revelou-se uma alternativa económica estruturante, frequentemente ignorada pelas políticas públicas.

A análise do PNUD (1998) destaca igualmente a mobilidade interna como um dos motores da expansão do sector, sublinhando a migração proveniente, em grande parte, das regiões centro e norte do país para a capital. Esta deslocação, motivada por assimetrias no acesso a serviços, emprego e infra-estruturas, trouxe para Maputo migrantes com baixos níveis de escolaridade e escassas opções profissionais, o que reforçou a dependência do comércio informal. Assim, a urbanização de Maputo é marcada pela informalidade, onde os vendedores informais desempenham papel fundamental, ainda que à margem do planeamento urbano.

A literatura subsequente confirma a complexidade deste fenómeno e o seu enraizamento nas dinâmicas migratórias e nas formas locais de organização social. Cruz e Silva (2002) evidencia que a informalidade, para além de resposta económica, constitui espaço de reconstrução de vínculos sociais entre migrantes, salientando a importância das redes de solidariedade nas áreas periurbanas de Maputo. Já Langa (2022), ao estudar a gestão do Mercado Grossista de Zimpeto, demonstra os desafios da administração pública na regulação de espaços ocupados predominantemente por migrantes, revelando a falta de diálogo entre autoridades e vendedores, o que resulta em medidas desajustadas às realidades locais.

Outros autores reforçam a interdependência entre migração e informalidade. Feijó e Ibraimo (2016) destacam a ligação rural-urbana através das transferências pessoais e do impacto das políticas públicas, enquanto Ibraimo (2022), a partir dos dados do Censo de 2017, identifica padrões migratórios que confirmam a aceleração da urbanização e a

expansão da economia informal. Neste mesmo sentido, Muanamoha e Raimundo (2018) cartografam os fluxos internos entre 1997 e 2007, revelando a prevalência de movimentos para Maputo de indivíduos em idade activa e sem qualificação formal, precisamente o grupo que sustenta o comércio informal urbano. Raimundo (2011, 2013) aprofunda essa análise ao evidenciar as migrações como estratégias de adaptação às desigualdades regionais e à ausência de oportunidades económicas nas zonas de origem.

1.1.2. Formulação do Problema de Pesquisa

Após a independência nacional (25 de Junho de 1975), Moçambique assistiu a um aumento expressivo dos fluxos migratórios internos, particularmente no sentido campo-cidade, impulsionando uma urbanização acelerada e, por conseguinte, profundas transformações nos espaços urbanos (Muanamoha e Raimundo, 2013).

Esta urbanização, todavia, foi predominantemente demográfica e pouco acompanhada de um planeamento urbano eficaz ou de políticas públicas de inclusão social e económica (Araújo, 2003). Neste contexto, emergem as actividades informais como única alternativa de sobrevivência para uma grande maioria de recém-chegados às cidades, sobretudo à cidade de Maputo (Araújo, 2003).

A migração interna em Moçambique tem-se caracterizado por um padrão persistente de atracção urbana. Como demonstram os Censos de 1997 e 2007, a Cidade de Maputo registou os mais elevados saldos migratórios do país tendo registado + 204.279 em 1997 e + 100.811 em 2007, consolidando-se como o destino preferencial dos migrantes (Muanamoha e Raimundo, 2013). Ainda que, em 2017, a Província de Maputo tenha registado o maior crescimento populacional + 298.185, a Capital permanece como um polo importante de atracção, continuando a alimentar o fenómeno da migração campo-cidade (UNFPA, 2023).

O autor Agy et al.. (2017) salientam que as zonas rurais moçambicanas são marcadas por níveis de rendimentos reduzidos, por dificuldades no acesso a água potável, energia e serviços de saúde, bem como por fragilidades no sector de educação, sobretudo nos níveis secundário e superior, onde a qualidade é frequentemente inferior à observada em áreas urbanas. Estes factores, como reforça Buendia (2010), contribuem significativamente para explicar a deslocação populacional do campo para a cidade.

De acordo com Arnaldo e Muanamoha (2014), a Cidade e a Província de Maputo assumiram um papel de destaque como principais destinos migratórios no período pós-guerra, registando as mais elevadas taxas de população imigrante no país. Verifica-se, igualmente, que, em comparação com as áreas rurais, os centros urbanos concentravam uma proporção mais significativa de indivíduos imigrados ao longo da vida, evidenciando, assim, a intensidade dos fluxos populacionais do campo para a cidade.

Esta atracção urbana não é um fenómeno novo a imagem da cidade como um espaço de oportunidades remonta ao período colonial e foi reforçada no ano pós-independência, dando o contraste entre as infra-estruturas socioeconómicas e culturais das cidades face às zonas rurais (Araújo, 2003; Raimundo, 2009). Contudo, o crescimento populacional nas cidades moçambicanas, em especial em Maputo, ocorreu sem o devido acompanhamento em termos de serviços públicos, oferta habitacional e criação de emprego formal, provocando um aumento da informalidade urbana (Araújo, 2003).

Neste quadro, a actividade informal surge como um espaço alternativo e resiliente de inserção económica, principalmente para aqueles migrantes com baixos níveis de escolaridade e excluídos do mercado de trabalho formal (Magaia, 2017). Para além disso, o Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2013) destaca que os fluxos migratórios internos, sobretudo unidireccionais (campo-cidade), têm sido motivados por múltiplos factores: pobreza extrema, desemprego, conflitos armados e reintegração de deslocados, gerando uma pressão acentuada sobre as cidades, sem que existam mecanismos adequados para acolher esta população.

A Cidade de Maputo, como principal centro económico e político do país, tornou-se palco privilegiado destas dinâmicas, reflectidas não apenas no crescimento de novos bairros periféricos, mas também na expansão das actividades informais exercidas em ruas, mercados e espaços públicos, muitas vezes à margem de qualquer regulação institucional (Araújo, 2003). A informalidade urbana, por conseguinte, revela-se como um fenómeno multifacetado e interligado às dinâmicas migratórias, carecendo de uma análise mais aprofundada quanto ao perfil dos seus actores.

Neste sentido, reconhecendo que a migração tem impactos significativos no aumento do número de vendedores informais nos centros urbanos, o presente estudo propõe-se a responder à seguinte questão de investigação: ***Qual é o perfil dos vendedores informais migrantes que exercem actividades informais na Cidade de Maputo?***

1.2. Objectivos

A seguir são apresentados os objectivos que permearão o desenvolvimento do trabalho:

1.2.1. Geral

Estudar o perfil migratório dos vendedores informais na Cidade de Maputo, identificando as características demográficas dos imigrantes (como sexo, idade, escolaridade, local de origem e renda) envolvidos nesse sector.

1.2.2. Específicos

- Descrever as principais características demográficas dos imigrantes que exercem actividades informais na Cidade de Maputo, como sexo, idade, escolaridade, local de origem e renda.
- Compreender os factores socioeconómicos que motivam a migração para a Cidade de Maputo.
- Caracterizar as tipologias de actividades exercidas pelos imigrantes no sector informal.

1.3. Hipóteses

H 1: Os vendedores informais que migram para Cidade de Maputo entre 2007 e 2021 são, em geral, jovens, com baixa escolaridade e, sem possibilidade de serem empregues no sector formal.

H 2: A migração para a cidade é usada como estratégia de sobrevivência económica, sendo o comércio informal o principal meio de integração dos migrantes.

1.4. Justificativa

A migração interna, especialmente do meio rural para os centros urbanos, constitui um fenómeno demográfico, com fortes impactos na organização e dinâmica das cidades, em particular Maputo. Desde as décadas de 1980 e 1990, factores como a pobreza, o desemprego e elevados fluxos migratórios rural-urbano impulsionaram uma urbanização acelerada que resultou na expansão do sector informal (Araújo, 2003; PNUD, 1998). Este consolidou-se como uma alternativa fundamental de subsistência, tanto para os migrantes recém-chegados como para a população local excluída do mercado de trabalho formal.

A escolha deste tema justifica-se pela crescente importância do comércio informal como estratégia de sobrevivência e pela necessidade de compreender de forma aprofundada o seu perfil e as actividades onde se encontram inseridos. Embora existam estudos sobre migração e informalidade, observa-se uma lacuna quanto à análise das características demográficas como sexo, idade, escolaridade, local de origem e renda sobre a Cidade de Maputo.

Além de contribuir para a literatura científica, esta investigação pretende oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas mais eficazes, capazes de responder aos desafios do desemprego, da pobreza urbana e da exclusão social. A análise das dinâmicas migratórias e do papel desempenhado pelo sector informal permitirá compreender os perfis mais vulneráveis da população urbana e identificar mecanismos que favoreçam a inclusão socioeconómica.

Entretanto, a relevância científica do estudo reside também no contributo para o entendimento mais amplo dos processos de urbanização e migração em Moçambique onde a urbanização é segundo a literatura resposta imediata do êxodo-rural (Araújo 1997; INE 2023).

CAPÍTULO II

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A presente secção tem como finalidade introduzir as principais linhas de análise teórica sobre a economia informal e os processos migratórios, sublinhando os conceitos centrais, as características e os factores que condicionam o seu desenvolvimento.

2.1. As Teorias Migratórias

De acordo com Patrício (2015) no âmbito dos estudos sobre migrações, a literatura tem procurado distinguir entre teoria de natureza Micro, centradas no indivíduo (Individualista), e teoria de carácter Macro, com enfoque nas estruturas sociais e económicas (Estruturalistas).

Tabela 1: As Principais Teorias de Migração

Teorias Micro (individualistas)	Modelo Push-Pull (atração - repulsão)
	Teoria do Investimento em Capital Humano
	Teoria da Nova Economia das Migrações
Teorias Macro (estruturalistas)	Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado
	Teoria dos Sistemas Migratórios
	Teoria do Sistema-Mundo e da Globalização
	Abordagem Transnacionalista das Migrações
Outras Abordagens Teóricas (intermédias)	As Redes Migratórias
	Os Enclaves Étnicos
	Ciclo de Vida e Trajectória Social

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Patrício (2015).

De acordo com a abordagem “Micro” Neoclássica, a migração é explicada a partir da racionalidade individual, em que cada pessoa toma decisões e procura estratégias para atingir os seus objectivos (Patrício, 2015).

De acordo com esta perspectiva, a migração resulta de escolhas racionais dos indivíduos que, ao ponderarem diferentes alternativas, optam por deslocar-se para contextos onde a remuneração do seu trabalho supera aquela disponível no país de origem, concretizando assim a decisão de migrar (Ibidem). No quadro do pensamento neoclássico, as migrações são explicadas pelas desigualdades salariais entre países, as quais determinam variações nos níveis de rendimento e de bem-estar dos indivíduos (Arango, 2003).

De acordo com a abordagem de carácter “Macro”, a migração é explicada a partir de determinantes estruturais que influenciam colectivamente os agentes sociais a deslocarem-se (Patrício, 2015). De acordo com o autor acima citado, esta perspectiva assenta na ideia de que os fluxos migratórios resultam de assimetrias económicas entre regiões ou países, em que os territórios mais desenvolvidos e prósperos exercem maior poder de atracção, enquanto as áreas menos desenvolvidas, com abundância de mão-de-obra, funcionam como zonas de expulsão.

2.2. Abordagens Micro (Individualista)

2.2.1. O Modelo Push-Pull (Leis da Migração de Ravenstein)

A compreensão dos processos migratórios, quer internos quer internacionais, assenta em bases teóricas estabelecidas ainda no século XIX por Ernest Ravenstein, em 1885, e aprofundadas, décadas mais tarde, por Everett Lee, em 1966, constituindo hoje marcos fundamentais da literatura sobre o tema (Patrício, 2015).

Segundo Peixoto (2004), os primeiros estudos sobre migração explicam os movimentos populacionais a partir da relação entre factores económicos e espaciais, destacando as forças de repulsão nos locais de origem e de atracção nos destinos (*push-pull*).

Conforme Peixoto (2004) e Rocha Trindade (1995), com base nos fluxos migratórios observados na Inglaterra do século XIX, Ravenstein formulou postulados que, apesar das críticas quanto à sua aplicação a diferentes contextos locais, constituíram uma referência central para a análise dos processos migratórios, que podem destacar-se os seguintes princípios orientadores dos fluxos migratórios:

- a) **Migração e distância:** a maioria dos indivíduos tende a deslocar-se apenas por curtas distâncias, enquanto os movimentos de maior alcance se orientam, em regra, para os grandes centros de comércio e indústria;
- b) **Migração por etapas:** a atracção de migrantes para uma cidade em rápido crescimento inicia-se nas áreas periféricas e vai-se expandindo gradualmente para regiões mais afastadas, sendo que o processo de dispersão se verifica em sentido inverso;
- c) **Correntes e contracorrentes:** cada fluxo migratório gera, paralelamente, uma corrente de sentido contrário, traduzida no regresso da parte dos migrantes ao ponto de origem;

- d) **Diferença entre população urbana e rural:** os residentes em áreas rurais revelam maior predisposição para migrar do que aqueles que habitam em zonas urbanas;
- e) **Sexo e migração:** nas deslocações de curta distância observa-se uma predominância de mulheres;
- f) **Tecnologia e migração:** o desenvolvimento dos meios de transporte, da indústria e do comércio potencia o aumento das correntes migratórias;
- g) **Motivações económicas:** embora factores como imposições fiscais, condições climáticas desfavoráveis ou leis restritivas possam influenciar as deslocações, são sobretudo os motivos económicos, relacionados com a procura de melhores condições materiais de existência, que se revelam determinantes.

2.3. QUADRO CONCEPTUAL

2.3.1. Migração

No âmbito do estudo sobre “ Perfil Migratório dos Vendedores Informais na Cidade de Maputo”, torna-se imprescindível começar por clarificar o conceito de migração. A palavra tem origem no latim *migrare*, que significa deslocar-se de um lugar para outro (Mahavene, 2020). Do ponto de vista histórico, o termo começou a ser utilizado em língua inglesa no início do século XVII, primeiro para se referir ao movimento de pessoas (c. 1610) e, posteriormente, ao movimento de animais (c. 1640) (Truong e Gasper, 2011). Os autores acrescentam que, o conceito de migração, além de se aplicar aos movimentos humanos e animais, passou a ser utilizado também em contextos tecnológicos e biológicos, designando tanto a transferência de dados entre diferentes arquivos, sistemas e formatos, como o deslocamento de microrganismos entre pessoas, animais e plantas.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (2011), a migração corresponde ao deslocamento de indivíduos ou grupos, quer ocorra dentro das fronteiras nacionais, quer entre Estados. Com o intuito de excluir o turismo e outros movimentos populacionais de curta duração, as Nações Unidas (UNITED NATIONS,1998; 2017) define como migrações apenas as deslocações cuja duração seja igual a um ano, ou igual ou superior a cinco anos. Numa perspectiva complementar, Hagen-Zanker (2008) entende a migração como movimentos temporários ou permanentes de pessoas entre

diferentes espaços geográficos, motivados por factores que podem variar desde a procura de melhores oportunidades de trabalho até situações de perseguição.

2.3.2. Emigração

Segundo Rocha-Trindade (1995), a emigração corresponde ao acto de um indivíduo deixar o seu país de residência, do qual possui nacionalidade, para permanecer temporariamente no estrangeiro. Em outras palavras, a condição de emigrante resulta da decisão de um indivíduo deixar o seu país de origem, motivado por factores como a procura de refúgio, de melhores oportunidades de trabalho ou pelo desejo de estabelecer residência, mesmo que seja temporária, num país estrangeiro. Assim, do ponto de vista do país de partida, esse indivíduo passa a ser designado como emigrante.

2.3.3. Imigração

Segundo Lopes (2022) a imigração corresponde ao acto de entrada de uma pessoa num país diferente daquele de onde partiu, sendo, nesse contexto, considerada imigrante pelas autoridades e pela população do Estado de destino. Assim, evidencia-se que a designação varia consoante a perspectiva quem sai é emigrante para o país de origem, mas torna-se imigrante para o país de acolhimento (Ibidem). De acordo com o mesmo autor, afirma que a legislação moçambicana, o imigrante pode ser classificada em duas categorias: legal, quando a sua entrada ocorre em conformidade com os requisitos legais, ou clandestino, quando a entrada no território não obedece ao que está previsto na lei ou seja:

todo aquele que entre ou saia do território nacional por qualquer posto oficialmente estabelecido, sem passaporte ou documento equiparado, com passaporte ou documento equiparado falso, incompleto ou caduco, bem como o que o faça por pontos não habilitados, ainda que com a documentação necessária, e ainda o que entre ou saia por posto oficialmente estabelecido, sem que faça o movimento migratório. (Decreto N° 108/2014, 31 de Dezembro).

2.3.4. Fluxo Migratório

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (2011), o conceito de fluxo migratório diz respeito ao número de pessoas em movimento, ou autorizadas a deslocar-se, de um ou para um determinado local, dentro de um período específico.

2.3.5. Economia Informal

De acordo com Jairoce (2016), o sector informal é entendido como um espaço que abrange diferentes formas de actividades económicas voltadas para a sobrevivência e a obtenção de rendimento, predominando nos países em vias de desenvolvimento. Esta realidade tem originado múltiplas definições do conceito, dada a sua diversidade e complexidade conforme o Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE, 2006) descreve a economia informal como uma realidade marcada por fraca estruturação, pela sobreposição entre capital e trabalho e pela prevalência de relações laborais assentes na confiança pessoal, em vez de contractos formalizados.

2.3.6. Comércio Informal

De acordo com Bowen (1998), não existe uma definição universal e precisa para comércio ou vendedor informal, visto que a própria terminologia varia em função dos contextos sociopolíticos e económicos de cada país. Segundo o mesmo autor, inicialmente, a noção de “informal” esteve muitas vezes associada a práticas consideradas ilícitas, sendo em Moçambique identificadas por expressões populares como “*candongas*” ou “*duma nengue*”, expressão em tsonga utilizado no sul do país, que significa “pega as pernas e corre”.

Segundo diferentes autores (INE, 2005; MOA, 1993; Bowen, 1998), o comércio informal compreende actividades comerciais realizadas sem registo oficial junto das finanças, envolvendo operadores sem licença legal, fora do regime de tributação directa, mas sujeitos ao pagamento de certas taxas municipais. Ainda segundo o INE (2005), neste grupo incluem-se vendedores ambulantes, de mercados e unidades económicas sem licença.

De acordo com Lopes (1996), o comércio informal surgiu como alternativa de subsistência para muitas pessoas, permitindo-lhes gerar rendimento e satisfazer necessidades básicas. Entre as várias modalidades, o autor destaca o comércio itinerante ou ambulante, caracterizado pela pequena escala de operação.

2.4. Características Sociodemográficas dos Migrantes

I. Sexo

De acordo com Campos (2015), os estímulos à migração diferem entre homens e mulheres, devido às questões de género que afectam o processo migratório. Segundo o último Censo de 2017, citado pelo UNFPA (2023), a Cidade de Maputo contava com 54.468 imigrantes, dos quais 52,3% eram do sexo feminino, provenientes principalmente da Província de Maputo (28,9%), Gaza (18,9%) e Inhambane (23,4%). Esses dados evidenciam a predominância da migração feminina na Cidade de Maputo, uma cidade urbana que, segundo Castiglioni (2009), oferece condições de trabalho mais favoráveis às mulheres do que o meio rural. Essa tendência da predominância feminina na migração interna ocorre maioritariamente nas províncias da região Sul, conforme apontado por Raimundo e Muanamuha (2013).

II. Idade

O perfil etário dos migrantes mostra que a maioria encontra-se entre 5 e 29 anos de idade, representando, em média, 74% do total de migrantes internos em todas as províncias (UNFPA, 2023). Essa predominância de jovens em idade activa reforça as conclusões de Campos (2015) e Patrício (2015), que apontam a juventude como um factor determinante da migração da população.

III. Estado Civil

Entre os migrantes do sexo masculino predomina o estado civil de solteiro, especialmente nas províncias da região Sul, onde a proporção de solteiros pode chegar a 60% na Cidade de Maputo (UNFPA, 2023). Já entre as mulheres, predomina a união marital (UNFPA, 2023; Ibraimo, 2022). Segundo Agy et al. (2018), essa predominância de uniões maritais pode ser explicada pelo processo de integração social dos migrantes ao longo do tempo, levando à alteração do estado civil inicial.

IV. Nível de Educação

O nível de instrução é um factor de selectividade no processo migratório em Moçambique. Observa-se que pessoas com baixo nível de escolaridade são

predominantes tanto entre migrantes (91,3%) quanto entre não migrantes (75,1%) (Ibraimo, 2022). Por outro lado, indivíduos com nível de escolaridade elevado representam apenas 3,8% dos migrantes. Essa baixa proporção pode estar relacionada à limitada demanda por profissionais qualificados no mercado de trabalho formal, especialmente nas grandes cidades moçambicanas, onde o sector informal como vendedores ambulantes e empregados domésticos absorve uma grande quantidade de migrantes de todas as idades (Feijó et al., 2016).

2.5. Classificação do Comércio Informal

O comércio informal pode ser classificado de diferentes formas. Conforme Cleps (2009), existem três categorias de vendedores:

- i. **Vendedores fixos ou ambulantes:** localizados em áreas de grande circulação de pessoas, como terminais de transporte, igrejas ou hospitais;
- ii. **Vendedores periódicos:** que actuam principalmente em espaços de lazer durante fins-de-semana e feriados; e
- iii. **Vendedores ocasionais:** que surgem temporariamente em eventos públicos ou festividades.

2.6. Características Demográficas dos Vendedores Informais

Em Moçambique, os vendedores informais apresentam um perfil relativamente homogéneo. A maioria constitui negócios familiares, com baixo nível de instrução (geralmente não superior à 10.^a classe) e acesso muito limitado ao crédito formal, recorrendo ao *xitique*¹ como principal forma de financiamento (Jairoce, 2016). Este sector emprega sobretudo jovens entre 12 a 45 anos, muitos provenientes do meio rural, atraídos pelas oportunidades urbanas (Ibidem). De acordo com Jairoce (2016), verifica-se ainda a presença de funcionários do Estado que utilizam familiares como trabalhadores, com o objectivo de complementar os rendimentos. O mesmo autor destaca que grande parte dos comerciantes é composta por migrantes internos vindos de várias províncias do país, dedicando-se a actividades diversas, que vão desde a venda de

¹ O *xitique*, termo proveniente da língua tsonga que significa poupança, constitui uma das formas mais difundidas de poupança rotativa no sector informal moçambicano (Cruz e Silva, 2005). Trata-se de uma prática baseada em mecanismos simples de solidariedade e confiança, que geralmente se inicia entre amigos, familiares ou colegas, os quais definem conjuntamente o valor das contribuições e a periodicidade dos encontros destinados à entrega do montante acumulado a cada participante, de forma rotativa (Cruz e Silva, 2005).

bens de consumo até, em alguns casos, produtos de origem ilícita, como telemóveis e peças de automóveis.

2.7. Factores que influenciam o comércio informal

Segundo Jairoce (2016), a economia informal emerge como um mecanismo de sobrevivência utilizado sobretudo pelas populações mais pobres, resultante da incapacidade da economia formal de absorver plenamente a força de trabalho e de garantir meios adequados de rendimento. Essa realidade decorre, em parte, de desequilíbrios e falhas de mercado, bem como de políticas públicas inadequadas. Apesar dessas fragilidades, o comércio informal desempenha um papel relevante, pois não só sustenta a própria economia como também estabelece relações complementares e de reforço com o sector formal (Jairoce, 2016).

No caso moçambicano, o comércio informal desenvolveu-se como uma resposta às adversidades que se seguiram à independência, fortemente influenciadas pela guerra civil de 16 anos e pelos fluxos migratórios do meio rural (Cruz e Silva, 2002). Esse fenómeno ganhou maior expressão nos anos 1980, quando a crise económica e a escassez de bens essenciais impulsionaram estratégias de sobrevivência assentes neste sector (Cruz e Silva, 2002; Tibane, 2013).

De acordo com Amaral (2005), uma parte significativa da população jovem encontra no sector informal uma fonte de emprego e de subsistência, sobretudo em contextos de adversidade nos países em desenvolvimento. Em Moçambique, os dados do Inquérito ao Sector Informal (INFOR, 2021) confirmam essa realidade, ao revelarem que cerca de 13,4 milhões de pessoas exercem actividades neste sector (INE, 2022).

Segundo Mosca (2009), a tolerância do Estado em relação ao comércio informal está associada ao seu papel na mitigação da pobreza, na criação de auto-emprego e na geração de rendimentos que suavizam os efeitos sociais mais graves, beneficiando, em certas circunstâncias, segmentos das elites intermédias e funcionando como instrumento de contenção de potenciais revoltas. Essas actividades, por se desenvolverem em proximidade com as populações, contribuem para a formação de redes sociais baseadas em interesses comuns que transcendem as afinidades tradicionais, como as de carácter étnico, linguístico ou cultural (Ibidem).

Segundo Cruz e Silva (2002), o agravamento do desemprego e a maior vulnerabilidade económica das famílias mais pobres, incluindo muitas de origem imigrante, limitaram a sua capacidade de adaptação às adversidades vividas no período, o que incentivou a procura de estratégias alternativas de sobrevivência.

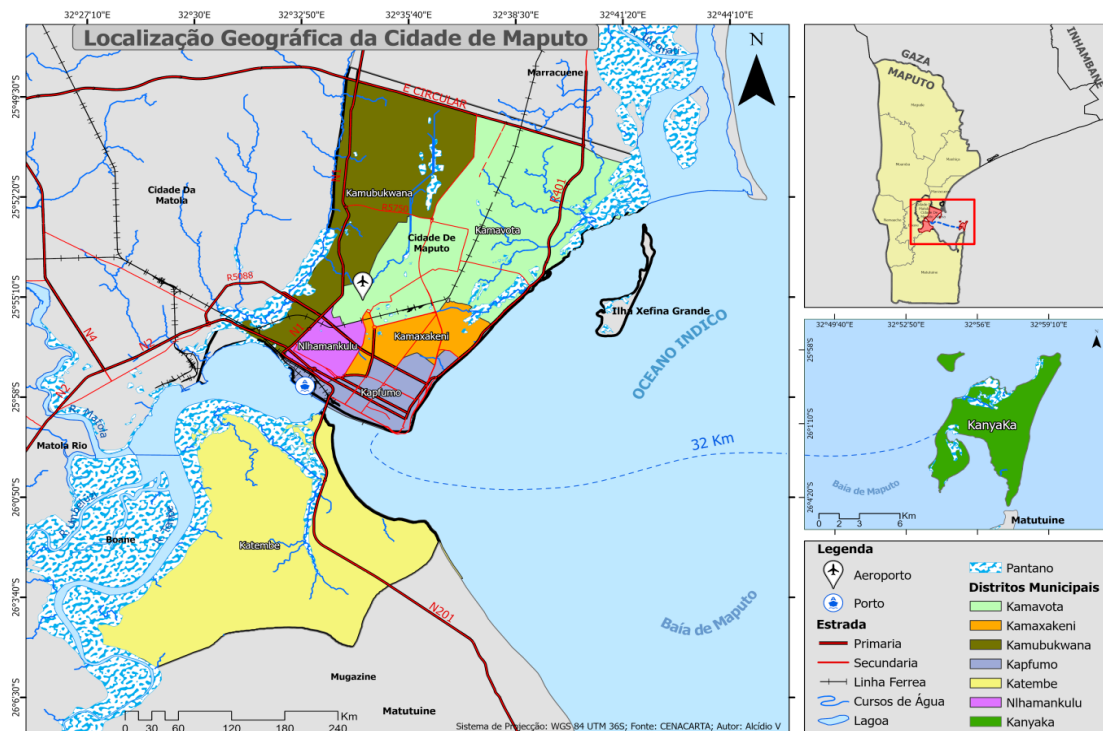
CAPÍTULO III

3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

3.1. Localização Geográfica e Divisão Administrativa

O mapa (fig. 1) sobre a Cidade de Maputo refere que a Cidade se localiza no extremo sul de Moçambique, entre as latitudes $25^{\circ}58'S$ e a longitude $32^{\circ}35'E$ (JICA, 2001). A Cidade de Maputo é limitada a norte pelo distrito de Marracuene, a sul pelo distrito de Matutuíne, a leste pelo Oceano Índico e a oeste pelo distrito de Boane, ocupando uma área aproximada de 346 km^2 (INE, 2023).

Figura 1: Mapa de Localização Geográfica da Área do Estudo.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CENACARTA.

Do ponto de vista administrativo, a cidade encontra-se organizada em sete unidades autárquicas: KaMpfumo, Nlhamankulu, KaMaxaquene, KaMavota, KaMubukwana, KaTembe e KaNyaka (INE, 2023; JICA, 2001).

Tabela 2: Divisão Administrativa da Cidade de Maputo

UNIDADE ADMINISTRATIVA AUTÁRQUICA	BAIRROS/POVOAÇÕES
Distrito Municipal de KaMpfumo	Central A, B e C; Alto Maé A e B; Malhangalene A e B; Polana Cimento A e B, Coop e Sommerchild.
Distrito Municipal de Nlhamankulu (ou Chamanculo)	Aeroporto A e B; Xipamanine; Minkadjuíne; Unidade 7; Chamanculo A, B, C e D; Malanga e Munhuana.
Distrito Municipal de KaMaxaquene (ou Maxaquene)	Mafalala; Maxaquene A, B, C e D; Polana Caniço A e B e Urbanização.
Distrito Municipal de KaMavota (ou Mavota)	Mavalane A e B; FPLM; Hulene A e B; Ferroviário; Laulane; 3 de Fevereiro; Mahotas, Albazine e Costa do Sol.
Distrito Municipal de KaMubukwana (ou Mubukwane)	Bagamoyo; George Dimitrov (Benfica); Inhagoia A e B; Jardim, Luís Cabral; Magoanine; Malhazine; Nsalane; 25 de Junho A e B; e Zimpeto.
Distrito Municipal de KaTembe (ou Catembe)	Gwachene; Chale; Inguice; Ncassene e Xamissava.
Distrito Municipal de KaNyaka (ou Inhaca)	Ingwane; Ribjene e Nhaquene.

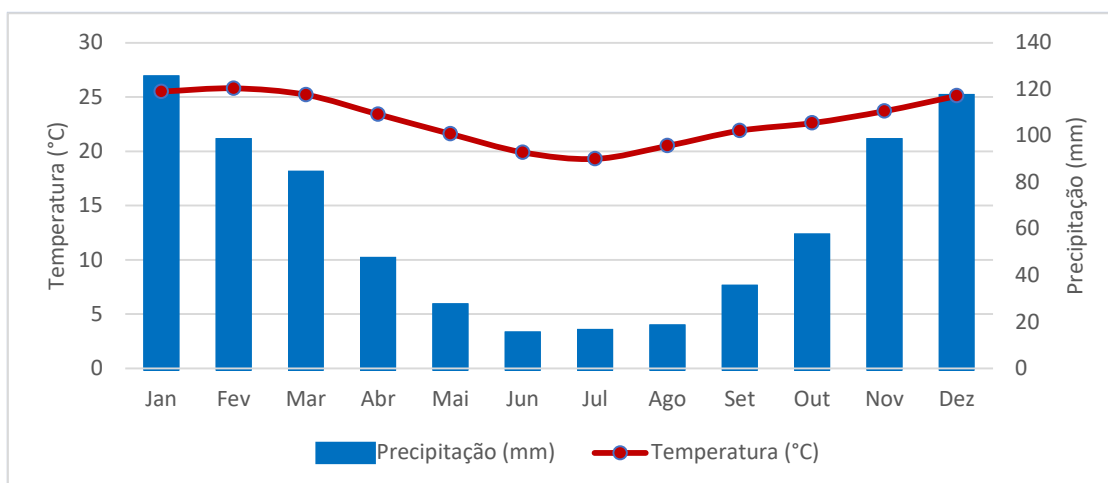
Fonte: Adaptado pelo autor (JICA, 2001)

3.2. Caracterização físico-geográfica da Cidade de Maputo

3.2.1. Clima

Segundo Chaveiro e Macarrigue (2015), o clima da Cidade de Maputo é fortemente condicionado pelos anticiclones tropicais do Oceano Índico, predominando ventos provenientes das direcções leste, sul e oeste. O autor acima citado argumenta que, estas condições conferem ao município um clima de natureza subtropical, com algumas influências tropicais. A cidade apresenta uma estação chuvosa e quente entre Novembro e Março, e uma estação seca e mais fresca de Abril a Outubro, durante a qual a precipitação anual nos meses chuvosos pode atingir cerca de 1000 mm (Ibidem).

Gráfico 1: Termo Pluviométrico



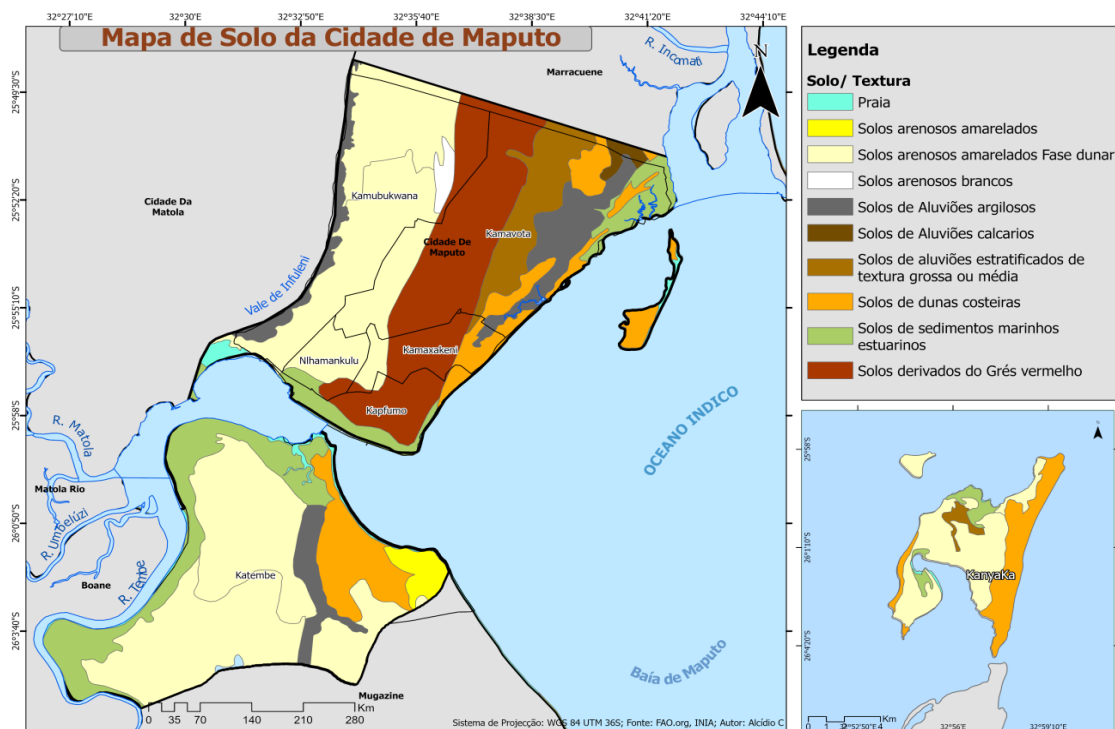
Fonte: Adaptado de Climate-Data (2024).

3.2.2. Solos

Segundo a JICA (2001), a Cidade de Maputo assenta predominantemente sobre areias vermelhas do período Pleistoceno, coexistindo com solos aluviais de baixa qualidade estrutural nas zonas mais baixas. Acrescenta-se ainda que estas areias se encontram sobre formações de grés vermelho, que se estendem pelas áreas da Polana e de Maxaquene (Ibidem).

Na faixa litoral voltada para a Baía de Maputo predominam solos formados por aluviões arenosos e argilosos, associados aos terraços do rio Incomáti, bem como solos arenosos derivados de dunas móveis, conforme observa-se no mapa (fig. 2) (Oliveira et al. 2012). Observa-se uma predominância de solos arenosos e de dunas costeiras ao longo do litoral e nas ilhas de KaNyaka, enquanto no interior urbano, especialmente nos distritos de KaMaxakeni, KaMavota e parte de KaMpfumo, destacam-se os solos derivados do Grés vermelho (Vide fig. 2). Nas zonas baixas e ribeirinhas, como Katembe e áreas adjacentes ao rio Infulene, predominam solos de aluviões argilosos e sedimentos estuarinos, classificados como pertencentes à Formação de Xefina, datada do Holocénico (Oliveira et al. 2012).

Figura 2: Mapa de Solo da Área do Estudo

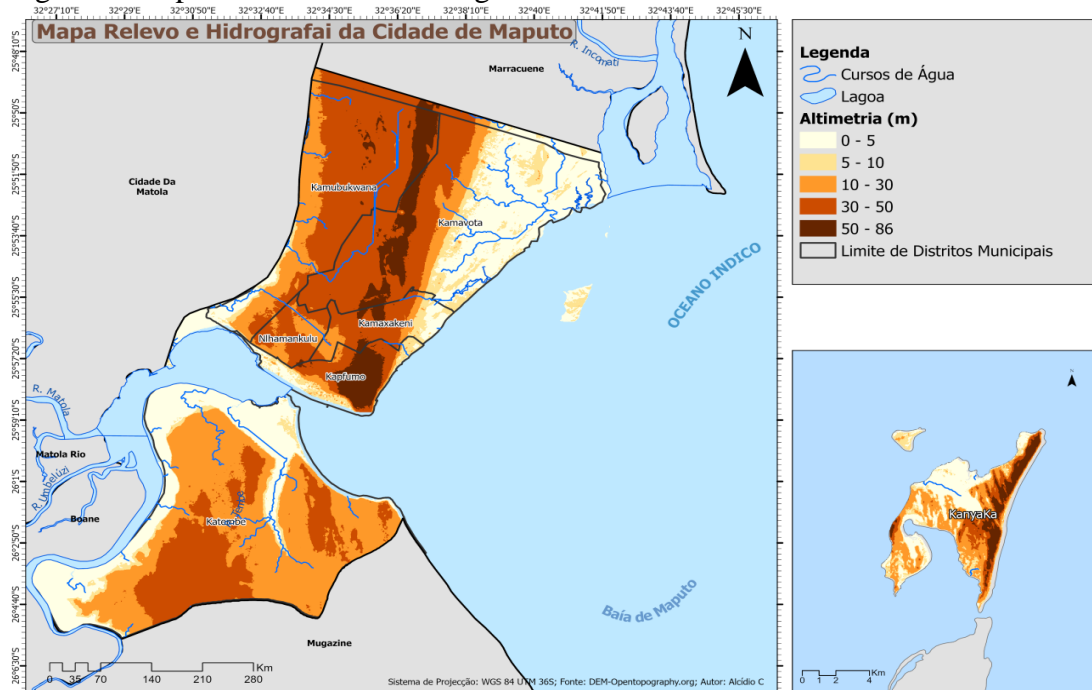


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CENACARTA.

3.2.4. Relevo

Segundo JICA (2001), a morfologia da paisagem de Maputo é marcada pela predominância da zona costeira de baixa altitude, associada à linha de costa e estuários, onde se desenvolvem dunas e aluviões até cerca de 8 metros de altura, apresentando forte inclinação para o mar. No sector nascente, o rio Incomati, de traçado meandrizado, insere-se num sistema hidrológico complexo de carácter lagunar. A plataforma litoral, situada entre 40 e 50 metros de altitude, evidencia escarpas resultantes de fracturas abruptas no terreno, além de depressões interiores relacionadas com dunas fixas mal drenadas, que favorecem a ocorrência de cheias (JICA, 2001). Por sua vez, conforme ilustrado no mapa (fig. 3) a colina de Maputo, também designada Ponta Vermelha, constitui um relevo residual que atinge 50 a 60 metros, caracterizado pela sua resistência à erosão e associado a fenómenos de neotectonismo (Ibidem).

Figura 3: Mapa do Relevo e Hidrologia da Área de Estudo

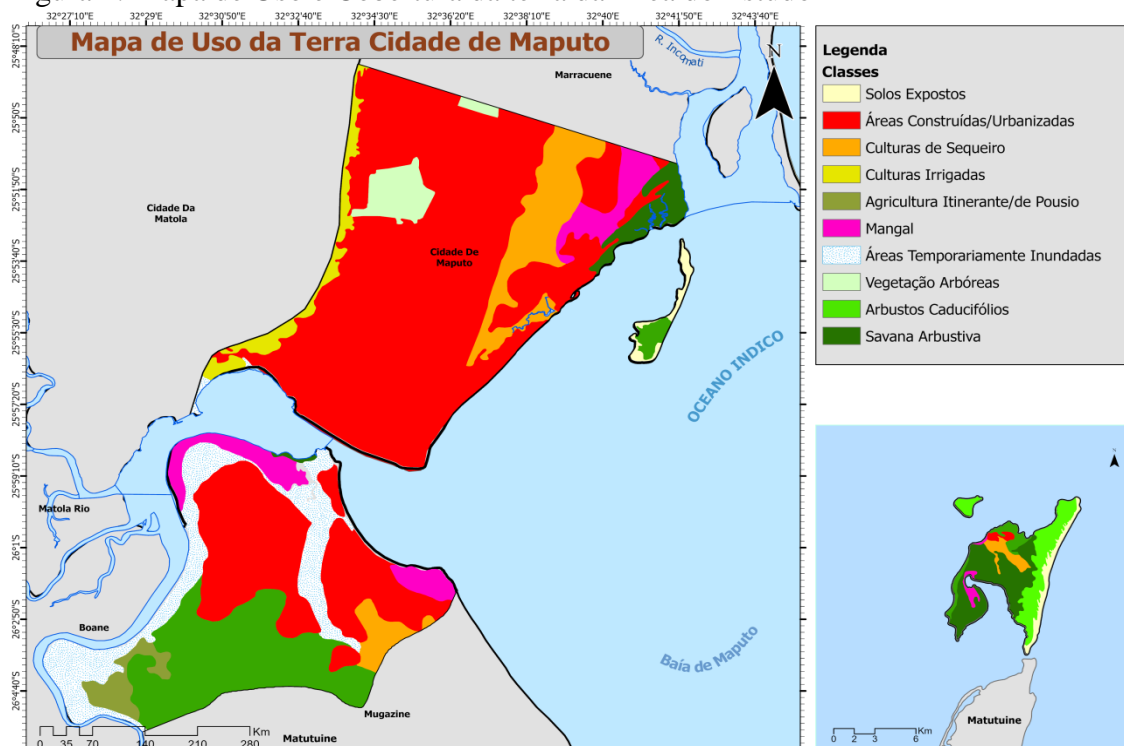


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CENACARTA.

3.2.5. Uso e cobertura da terra

O uso e cobertura da terra na Cidade de Maputo, é caracterizado por um predomínio da urbanização, que ocupa grande parte da área continental, contrastando com as zonas periféricas e insulares onde persistem actividades agrícolas e fragmentos de vegetação natural (Vide mapa fig. 4) (Chaveiro e Macaringue, 2015). A agricultura urbana, nas modalidades de sequeiro, irrigada e itinerante, assume um papel relevante na economia local e na segurança alimentar, embora se desenvolva sob forte pressão da expansão urbana (Chaveiro e Macaringue, 2015). Segundo os autores acima citados, as áreas de mangal e savana arbustiva representam ecossistemas de elevada importância ecológica, mas encontram-se ameaçadas pela urbanização, poluição e exploração insustentável. Por outro lado, as zonas temporariamente inundadas revelam a vulnerabilidade ambiental da cidade, exigindo políticas de ordenamento territorial e de gestão de riscos. Assim, o padrão actual de uso da terra em Maputo reflecte a interacção entre urbanização acelerada, práticas agrícolas de subsistência e fragmentos de ecossistemas naturais, constituindo um desafio para a sustentabilidade urbana e ambiental (Ibidem).

Figura 4: Mapa de Uso e Cobertura da terra da Área do Estudo



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CENACARTA.

3.3. Caracterização Socioeconómica

3.3.1. População

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (2023), a Cidade de Maputo apresenta uma população total de 1.127.565 habitantes, distribuídos entre 576.488 mulheres e 551.077 homens, com uma densidade populacional de 3.259 hab./km² (Vide Tabela 4). No que diz respeito à migração, o município conta com 54.468 imigrantes (Ibidem).

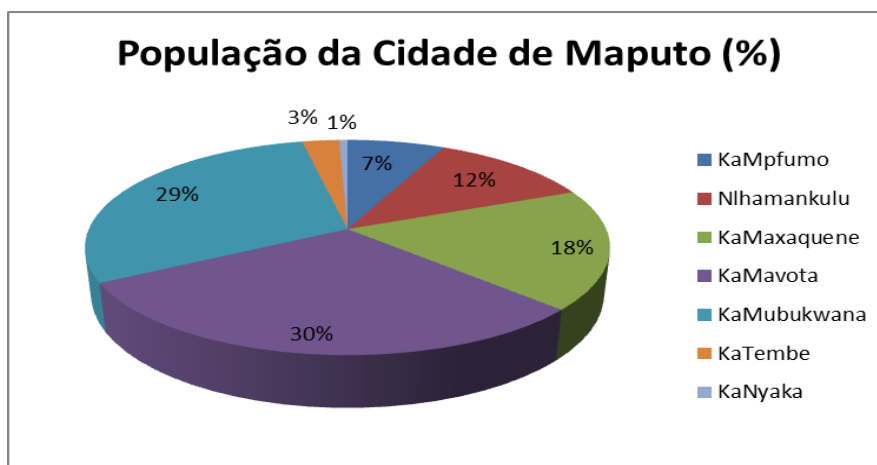
Segundo os dados do Censo de 2007, a Cidade de Maputo tinha uma população total de 1.098.000 habitantes (INE, 2007). Comparando com o total de 1.127.565 habitantes registados no Censo de 2017, observa-se um aumento de 29.565 habitantes, o que representa um crescimento de aproximadamente 2,7% na população da cidade ao longo de uma década (Vide Tabela 4) (INE, 2023).

Tabela 3: A População da Cidade de Maputo, segundo o Censo Populacional de 2007 e 2017

Unidade Administrativa Autárquica	População em 2007	População em 2017	Área (km ²)	Densidade (hab./km ²)
Distrito Municipal de KaMpfumo	107 530	79 491	13,73	5 790
Distrito Municipal Nlhamankulu (ou Chamanculo)	155 385	132 642	10,21	12 991
Distrito Municipal KaMaxaquene (ou Maxaquene)	222 756	204 116	12,56	16 251
Distrito Municipal KaMavota (ou Mavota)	293 361	341 075	79,80	4 274
Distrito Municipal KaMubukwana (ou Mubukwane)	290 696	333 974	60,88	5 486
Distrito Municipal de KaTembe (ou Catembe)	19 371	29 960	122,00	246
Distrito Municipal de KaNyaka (ou Inhaca)	5 216	6 307	47,82	132
Total	1 098 000	1 127 565	346,00	3 259

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de JICA, 2001; INE, 2007 e INE, 2023.

Gráfico 2: População da Cidade de Maputo em Percentagem (%) de acordo com Dados do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2017.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do INE (2023).

3.3.2. Actividades económicas

De acordo com INE (2023) e JICA (2001), a população de Maputo encontra-se maioritariamente inserida nos sectores secundário e terciário, englobando actividades como o comércio informal de pequena escala, o comércio grossista e retalhista, a reparação de automóveis e motociclos, a consultoria e outros serviços científicos e técnicos, a construção, a indústria transformadora, os transportes e a armazenagem, bem como o alojamento, a restauração, os serviços financeiros e de seguros, a saúde e acção social e ainda o sector imobiliário, entre outros. Os mesmos autores assinalam que, embora a urbanização crescente nos subúrbios tenha contribuído para a redução progressiva das áreas cultivadas e da produção agrícola, tem-se verificado um incremento das actividades ligadas à produção pesqueira e pecuária na região.

CAPÍTULO IV

4. METODOLOGIA

Esta secção foca-se na metodologia utilizada, concebida para responder às questões de investigação levantadas. Conforme Kothari (2004), a metodologia corresponde a uma forma estruturada de resolver problemas científicos, apoiando-se em princípios, procedimentos e etapas sistemáticas que orientam o trabalho do investigador.

4.1. Métodos Qualitativos e Quantitativos

De forma geral, a literatura distingue dois tipos principais de metodologia de pesquisa: a qualitativa e a quantitativa. A pesquisa qualitativa associa-se sobretudo a estudos exploratórios e aprofundados, cujo propósito é descrever fenómenos, ampliar a sua compreensão e desenvolver teorias, privilegiando a riqueza da informação em detrimento da generalização, em contraste com a abordagem quantitativa (Neves & Guerra, 2015). Já a pesquisa quantitativa, segundo O’Leary (2010), é habitualmente caracterizada por um enquadramento positivista, orientado por hipóteses, variáveis e tratamento estatístico de larga escala, embora com menor profundidade analítica.

A investigação será desenvolvida com base numa metodologia mista, compatibilizando a análise quantitativa e qualitativa sempre que possível. Todavia, tendo em conta que os dados estatísticos (quantitativo) relativos às migrações internas apresentam fortes restrições, recorrer-se-á com maior ênfase ao método qualitativo, entendido como o mais adequado para aprofundar a compreensão do fenómeno em estudo.

4.2. Técnicas de Recolha de Dados Aplicadas na Pesquisa

O procedimento de recolha e tratamento de dados consistiu, antes de mais, na revisão bibliográfica e análise documental. Compreendeu, igualmente, a análise dos dados estatísticos e a concepção e aplicação no terreno dos instrumentos de recolha de dados (observação e entrevistas). As entrevistas serão feitas a vendedores informais migrantes, agentes institucionais governamentais e da sociedade civil que, de alguma maneira, lidam, conhecem e/ou estão ligados ao fenómeno.

Fundamentalmente, a pesquisa desenvolveu-se nos seguintes passos: 1º Entrevistas semiestruturadas, Inquérito por questionário e Observação directa; 2º Análise documental (bibliografia científica, imprensa nacional e local, principais blogs, etc.); 3º

Análise da informação estatística disponível (em particular os dados do UNFPA, INE e RGPH).

4.2.1. Entrevistas Semiestruturadas

De acordo com Sousa e Baptista (2011), a entrevista constitui um método de recolha de informação que se baseia numa interacção oral, individual ou em grupo, envolvendo participantes seleccionados de acordo com a sua relevância, sendo a validade e fiabilidade dos dados avaliadas em função dos objectivos da investigação. Nessa mesma linha, Lakatos e Marconi (2016) acrescentam que a entrevista pode ser entendida como um encontro profissional entre duas pessoas, no qual uma procura obter informações específicas sobre determinado tema.

Nesta secção, serão conduzidas entrevistas semiestruturadas com vendedores informais em pontos estratégicos da Cidade de Maputo, designadamente nos principais mercados (Museu, Mandela, Xipamanine, Janet, Xiquelene “Praça dos Combatentes” e Mercado de Zimpeto “Mercado Grossista”), nas avenidas (Avenida Guerra Popular e a Avenida Filipe Samuel Magaia) e no centro da Baixa da Cidade, onde a presença desta actividade se revela mais visível e agentes institucionais governamentais e da sociedade civil que, de alguma maneira, conhecem ou estão ligados ao fenómeno. Relativamente às entrevistas semiestruturadas, serão realizadas entre 15 a 25 entrevistas, com o objectivo de alcançar a saturação teórica e aprofundar a compreensão das trajectórias e estratégias dos vendedores informais migrantes. Para tal, será elaborado um guião de entrevista e seleccionados vendedores informais dispostos a participar de forma voluntária.

4.2.2. Inquérito por Questionário

O questionário configura-se como um instrumento de recolha de dados associado ao método quantitativo, composto por um conjunto de perguntas a serem respondidas por escrito, quer na presença, quer na ausência do entrevistador (Richardson et al. 1999). De acordo com mesmo autor, este instrumento desempenha duas funções principais: descrever e medir variáveis de um determinado grupo social. A recolha dos dados por questionário será feita através da plataforma digital *KoboToolbox*, por ser gratuita e adequada a pesquisas em campo. Os inquiridores utilizarão telemóveis ou tablets para registar as respostas, permitindo reduzir erros de transcrição e facilitar o processamento

posterior dos dados. No âmbito do inquérito por questionário, prevê-se a aplicação a cerca de 100 vendedores informais, número considerado adequado para análises estatísticas descritivas.

4.2.3. Observação Directa

A observação constitui uma técnica de recolha de dados que permite obter informações sobre determinados aspectos da realidade através da utilização dos sentidos (Marconi & Lakatos, 2007). No caso da observação directa, o investigador recolherá informações de forma imediata, sem interagir verbalmente com os sujeitos envolvidos no objecto de estudo (Quivy & Campenhoudt, 1995).

Nesta pesquisa, recorrer-se-á à técnica de observação directa em seis (06) mercados, designadamente (Mercado de Museu, Mandela, Xipamanine, Janet, Xiquelene “Praça dos Combatentes” e Mercado de Zimpeto “Mercado Grossista”, bem como em duas avenidas principais (Avenida Guerra Popular e Avenida Filipe Samuel Magaia) e no centro da Baixa da Cidade, locais considerados de maior concentração de migrantes vendedores informais da Capital.

Para garantir uma recolha sistemática das informações no terreno, elabora-se um roteiro de observação directa que orienta o trabalho de campo realizado em diversos espaços públicos da Cidade de Maputo. Conforme referido por Lakatos e Marconi (2007), o uso de roteiros permite uniformizar e tornar mais rigoroso o processo de observação.

Incluíram-se o registo do ponto de venda, da data e da hora da observação. Observar-se-á a faixa etária aproximada dos vendedores, o sexo e o número aproximado de vendedores presentes. Registaram-se igualmente os produtos comercializados, incluindo alimentos, vestuário, acessórios e produtos de higiene.

4.2.4. Análise Documental

A análise documental é entendida como a identificação de informações factuais em documentos, orientada por questões ou hipóteses de interesse (Ludke & André, 2011). No âmbito desta pesquisa, recorrer-se-á à análise do relatório do UNFPA (2023) sobre migração e urbanização em Moçambique, o Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano do PNUD (1998), de publicações da Associação dos Operadores e

Trabalhadores do Sector Informal (ASSOTSI) e do conteúdo do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007 e 2017.

Por meio da análise de conteúdo destes documentos, procurar-se-á identificar relações entre os processos migratórios e o sector informal, considerando as perspectivas políticas e sociais.

Neste estudo, a pesquisa documental ter-se-ia baseado num conjunto diversificado de fontes, que incluiria livros, publicações periódicas, documentos oficiais do governo, relatórios de organizações não-governamentais, bem como materiais impressos recolhidos junto das instituições onde se realizaria o levantamento de dados.

4.3. Pesquisa Bibliográfica

De acordo com Fonseca (2002), qualquer investigação científica iniciar-se-ia, necessariamente, com uma pesquisa bibliográfica, a qual possibilitaria ao investigador identificar o que já teria sido produzido relativamente ao tema em análise. No âmbito do presente estudo, realizar-se-ia um levantamento bibliográfico preliminar, uma vez que a análise teria de se fundamentar em trabalhos já existentes sobre os fluxos migratórios, complementados por estudos e obras que proporcionariam subsídios pertinentes à temática. Neste quadro, proceder-se-ia à sistematização das teorias explicativas dos fenómenos migratórios, bem como dos paradigmas que abordariam a relação entre migração e sector informal, com enfoque nos movimentos populacionais direccionados à Cidade de Maputo.

4.4. Método Estatístico

Segundo Lakatos e Marconi (2001), o método estatístico caracterizar-se-ia por permitir a obtenção de representações simplificadas a partir de conjuntos complexos, possibilitando a verificação das relações existentes entre os dados.

A amostragem adoptada neste estudo será de natureza não probabilística, recorrendo-se às técnicas de amostragem intencional e por conveniência. Esta opção justifica-se pela inexistência de uma base de dados formal e actualizada dos vendedores informais, bem como pela necessidade de seleccionar participantes que sejam simultaneamente acessíveis no terreno e relevantes para os objectivos da investigação.

Importa sublinhar que, embora o presente estudo privilegie uma abordagem não probabilística, foram igualmente considerados dados estatísticos secundários com vista a complementar e contextualizar a análise. Neste sentido, a recolha de informação quantitativa servirá de base para estabelecer comparações e apoiar a interpretação dos resultados empíricos, particularmente no que se refere às dinâmicas da migração interna e às características sociodemográficas dos migrantes e dos vendedores informais.

Para o efeito, recorre-se a fontes institucionais e estudos previamente realizados, com destaque para o Inquérito ao Sector Informal (INFOR, 2021), o relatório do UNFPA (2023) sobre migração e urbanização em Moçambique, o Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano do PNUD (1998), os dados do Recenseamento Geral da Popação e Habitação de 2007 e 2017, bem como publicações da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal (ASSOTSI).

4.5. Análise de Dados

A análise dos dados será conduzida de forma combinada, integrando procedimentos quantitativos e qualitativos. Os dados recolhidos através do inquérito por questionário serão submetidos a uma análise estatística descritiva, por meio de frequências, percentagens e cruzamentos simples. Para isso, os dados serão primeiro limpos, codificados e posteriormente analisados utilizando o *Software SPSS 21.0*, complementado pelo *Microsoft Excel* na elaboração de tabelas e gráficos. Os dados provenientes das entrevistas e da observação directa serão analisados qualitativamente através da técnica de análise de conteúdo, procedendo-se à categorização, identificação de padrões e interpretação dos significados atribuídos pelos participantes.

4.5.1. Dados do inquérito

Os dados provenientes do inquérito por questionário serão inicialmente organizados e codificados em matrizes de dados. Após a verificação da consistência das respostas, procede-se à inserção no *SPSS 21.0*, onde são aplicadas estatísticas descritivas, como frequências e percentagens, a fim de caracterizar o perfil dos vendedores informais migrantes e identificar tendências gerais. Sempre que necessário, recorrem-se a cruzamentos de variáveis que permitam relacionar características sociodemográficas com padrões de actividade económica.

4.5.2. Dados das entrevistas

Os dados das entrevistas semiestruturadas serão transcritos integralmente e submetidos à análise de conteúdo, utilizando procedimentos de categorização temática e interpretação textual. Nessa etapa, identifica-se regularidades, divergências, percepções e experiências relatadas pelos participantes. A análise qualitativa permitirá compreender aspectos que não são captados pelo inquérito, como motivações pessoais, trajetórias migratórias, dificuldades enfrentadas e estratégias de sobrevivência económica.

5. Cronograma das actividades

De acordo com o plano de execução, o projecto de pesquisa foi estruturado para decorrer num período de seis meses, compreendidos entre Dezembro a Maio. As actividades foram organizadas em dez fases distintas, apresentando um cronograma que relaciona cada tipo de actividade com o tempo previsto para a sua realização.

Tabela 4: Cronograma das Actividades.

Actividades	Ano 2026					
	Mês					
	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Submissão e apresentação de Projecto	■					
Levantamento Bibliográfico		■				
Análise de Fontes		■				
Estruturação do Trabalho		■				
Definição de Amostras			■			
Trabalho de Campo (Recolha de Dados)				■		
Apresentação e Discussão de Resultados					■	
Elaboração do Trabalho					■	
Revisão Final						■
Submissão do Trabalho						■

Fonte: Elaboração própria

6. Recursos e Orçamento

De acordo com o desenho do projecto, a previsão de recursos financeiros e materiais visa não só estruturar detalhadamente a investigação, mas também garantir condições para a obtenção de apoios necessários às fases futuras. No âmbito da execução das actividades, prevê-se a participação de quatro profissionais, entre os quais se incluem

assistentes de campo e entrevistadores, responsáveis pelo apoio na recolha de dados e na realização das entrevistas (Vide tabela 5).

Tabela 5: Recursos e Orçamentos.

Inquérito por Questionário			
Actividades	Quantidade	Custo Unitário (MZN)	Total (MZN)
Deslocação para Inquéritos	10 dias	2.000/dia	20.000
Material de apoio	—	1000	1000
Total do Inquérito	—	—	21.000
Entrevistas			
Gravação e transcrição	15-25 entrevistas	800	8.000
Deslocação para entrevistas	10 dias	2.000/dia	20.000
Material de apoio	—	1000	1000
Total das Entrevistas	—	—	29.000
Recursos Materiais			
Gravador digital	1 unidade	2.500	2.500
Câmara fotográfica	1 unidade	8.000	8.000
Drone para captação aérea	1 unidade	20.000	20.000
Deslocação para campo (Táxi por aplicativo)	10 dias	20.000	20.000
Telemóvel e Tabletes	6 unidade	36.000	36.000
Pen drive	1 unidade	400	400
Internet	—	5.000	5.000
Total de Materiais	—	—	91.900
Recursos Humanos			
Assistentes de campo	2 assistentes (10 dias)	1.000 / dia	10.000
Inquiridores	3 inquiridores (10 dias)	800 / dia	8.000
Supervisor de campo	1 supervisor (10 dias)	1.500 / dia	15.000
Total de RH	—	—	59.000
Plano de contingência	—	—	20.000
TOTAL	—	—	220.900

Fonte: Elaboração própria

7. Referências Bibliográficas

Agy, A. R., Raimundo, I., Feijó, J., Ibraimo, M., & Muanamoha, R. (2017). *Movimentos migratórios para áreas de concentração de grandes projectos* (J. Feijó, Coord.). PubliFix – Edições.

Agy, A. R., et al. (2018). *Movimentos migratórios para áreas de concentração de grandes projectos*. Maputo: Publix Edições.

Arango, J. (2003). La explicación teórica de las migraciones: Luz y sombra. *Migración y Desarrollo*, 1, 1–30.

Arnaldo, C., & Muanamoha, R. (2014). Dinâmica demográfica e suas implicações em Moçambique. *Gazeta de População e Saúde*, 2, 1–47.

Araújo, M. G. M. (2003). Os espaços urbanos em Moçambique. *GEOUSP Espaço e Tempo*, 14, 95–108.

Barker, C., & Pistrang, N. (2005). Quality criteria under methodological pluralism: Implications for conducting and evaluating research.

Bowen, N. (1998). Notas preliminares sobre vendedores ambulantes na Província da Zambézia (mimeo). Maputo.

Buendía, M. (2010). Os desafios da leitura. In L. de Brito, C. N. Castel-Branco, S. Chichava, & A. Francisco (Orgs.), *Desafios para Moçambique 2010* (pp. 252–257). Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos.

Campos, M. B. de. (2015). Selectividade e migração. In *População, espaço e sustentabilidade: Contribuições para o desenvolvimento do Brasil* (Vol. 1).

Castiglioni, A. H. (2009). Migração: abordagens teóricas. In *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA.

Chaveiro, E., & Macaringue, E. (2015). Variação espacial do uso e aproveitamento do solo em territórios periféricos das cidades de Maputo e Matola. *Revista Produção Académica – NURBA*, 1.

Clepss, G. D. (2009). Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG). *Sociedade & Natureza*, 21(3), 327–339.

Cruz e Silva, T. (2002). Determinantes globais e locais na emergência de solidariedades sociais: O sector informal nas áreas periurbanas de Maputo. Maputo: Centro de Estudos Africanos – UEM.

Cruz e Silva, T. (2005). A organização dos trabalhadores do sector informal nos mercados de Maputo. Genebra: Bureau International do Trabalho.

Feijó, J., & Ibraimo, M. (2016). Relações rural-urbano, transferências pessoais e políticas públicas: Uma análise a partir de populações na cidade de Maputo. In *Desafios para Moçambique*. Maputo: IESE.

Flick, U. (2005). *Metodologia de investigação*. Lisboa: Monitor.

Fonseca, M. L., José, M., & Esteves, A. (2002). New forms of migration into the European South: Citizenship and governance. *International Journal of Population Geography*, 8(2), 135–152.

Fundo das Nações Unidas para a População [UNFPA]. (2023). *Migração e urbanização em Moçambique*. Maputo: UNFPA.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5.^a ed.). São Paulo: Atlas.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6.^a ed.). São Paulo: Atlas.

Hagen-Zanker, J. (2008). Why do people migrate? A review of the theoretical literature (No. 28197). MPRA.

Instituto Nacional de Estatística [INE]. (2007). *III Recenseamento Geral da População e Habitação*. Maputo: INE.

INE. (2022). *Sector informal em Moçambique: Resultados do segundo inquérito nacional (2021)*. Maputo: INE.

INE. (2023). *Delegação da Cidade de Maputo – Estatísticas dos distritos da Cidade de Maputo, 2017–2021*. Maputo: INE.

International Organization for Migration [OIM]. (2011). *Glossary on migration* (2nd ed.). Geneva: IOM.

Jairoce, J. F. (2016). A mulher e o comércio informal transfronteiriço *mukhero* no sul de Moçambique [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

JICA. (2001). *Relatório final: Desenvolvimento de estradas da cidade de Maputo*.

Kothari, C. R. (2004). *Research methodology: Methods and techniques* (2nd rev. ed.). New Delhi: New Age International.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (2001, 2003, 2007, 2016). Obras diversas sobre metodologia científica. São Paulo: Atlas.

Langa, A. (2022). Desafios na gestão de mercados municipais na Cidade de Maputo [Dissertação de mestrado, Universidade Eduardo Mondlane].

Lopes, J. S. (2022). Gestão de fluxos migratórios internacionais em Moçambique [Dissertação de mestrado, UFRGS].

Lopes, R. (1996). *Economia informal no Rio de Janeiro: Problemas e soluções*. São Paulo: Mavad.

Lüdke, M., & André, E. D. (2011). Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. *Em Aberto*, 5(31), 43–48.

Mahavene, G. G. (2020). Mudanças legislativas e concepções da imigração em Moçambique [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa].

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5.^a ed.). São Paulo: Atlas.

Mozzato, A. R., & Grzybovski, D. (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos. *RAC*, 15(4).

Muanamoha, R. C., & Raimundo, I. M. (2018). Cartografia da migração interna em Moçambique entre 1997 e 2007. *Remhu*, 26(54), 31–59.

Mutimucuo, I. V. (2008). *Metodologia de investigação: Apontamentos*. Maputo: CDA – Cooperazione Italiana.

Neves, P., & Guerra, R. (2015). *Teses em Ciências Sociais: Dicas muito práticas* (1.^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

O’Leary, Z. (2010). *The essential guide to doing your research project*. Londres: Sage.

Oliveira, J. T., Dias, R. P., Pereira, A., & Balate, G. (2012). Para que serve uma carta geológica? In *Cooperação entre Portugal e Moçambique nas Geociências* (pp. 32–35). Alfragide: LNEG.

Organização das Nações Unidas [ONU]. (2005). *Relatório sobre o desenvolvimento humano*.

ONU. (2013). *Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento*. Nova Iorque/Genebra.

Patrício, G. (2015). A migração internacional e o desenvolvimento no norte de Moçambique [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa].

PNUD. (1998). *Relatório nacional do desenvolvimento humano de Moçambique*. Maputo: PNUD.

Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais* (2.^a ed.). Lisboa: Gradiva.

Raimundo, I. (2011). Causas, consequências e padrões da migração internacional de Moçambique. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 24, 157–182.

Raimundo, I. M., & Muanamoha, R. C. (2013). A dinâmica migratória em Moçambique. In CEPSA (Org.), *Dinâmicas da população e saúde em Moçambique*. Maputo: CEPSA.

Ravenstein, E. G. (1885). The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, 48, 167–235.

Ravenstein, E. G. (1980). As leis da migração. In H. Moura (Org.), *Migração interna: Textos seleccionados*. Fortaleza: BNB.

Richardson, J. T. E. (2004). Methodological issues in questionnaire-based research. *Educational Psychology Review*, 16(4), 347–358.

Rocha-Trindade, M. B. (1995). *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

Shances, O. (2008). Os determinantes da economia informal. São Paulo: [s.n.].

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha* (5.ª ed.). Lisboa: Pactor.

Tibane, M. (2013). Estudo sobre risco de acidentes de viação no Mercado do Zimpeto [Dissertação de mestrado, Universidade Eduardo Mondlane].

United Nations. (1998). *Recommendations on Statistics of International Migration: Revision 1*. New York: UN.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2017). *International Migration Report 2017*. New York: UN.

Truong, T., & Gasper, D. (2011). *Transnational migration, development and human security*.

8. Anexos

Anexo A: Guião de Inquérito por Questionário aos vendedores informais da Cidade de Maputo.



Este inquérito integra o Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Geografia e tem como finalidade recolher dados para uma investigação científica sobre o perfil migratório dos vendedores informais na Cidade de Maputo. Têm com objectivos analisar as características demográficas dos migrantes (sexo, idade, escolaridade, local de origem e renda) e os factores que explicam a sua inserção no sector informal. Entretanto, a sua opinião é fundamental para o sucesso deste estudo e todas as respostas são anónimas e utilizadas apenas para fins académicos. O tempo de preenchimento é aproximadamente 15 minutos.

Assinale com um “X” todas as opções que se aplicam e agradecemos antecipadamente a sua colaboração e disponibilidade em participar.

Parte I: Dados Sociodemográficos

Nome (opcional) _____; Sexo: Masculino Feminino;
Idade: _____.

Estado civil: Solteiro(a) Casado(a)/União de facto Divorciado(a)/Separado(a)
 Viúvo(a)

Nível de escolaridade: Sem escolaridade Ensino primário Ensino secundário
Ensino técnico Ensino superior

Naturalidade (província/distrito de origem): _____.

Há quantos anos reside na Cidade de Maputo? _____ Outro (especifique): _____

Parte II: Perfil Migratório

Local de residência actual: Cidade de Maputo Município da Matola Município de Matola Rio Município de Boane Município de Marracuene Município da Manhiça Outro (especificar): _____.

Onde residia há um ano da data do inquérito: _____

Onde residia há cinco anos da data do inquérito: _____

Qual foi a principal razão que motivou a sua vinda para Cidade de Maputo?

Procura de emprego Melhores condições de vida Reunificação familiar
 Educação/formação Outro (especifique): _____

A migração foi:

Individual Com família

Já migrou anteriormente para outras cidades ou países?

Sim (especifique): _____

Não

Parte III: Actividade no Comércio Informal

Há quanto tempo exerce actividade no comércio informal? _____ Anos

Tipo de actividade desenvolvida:

Venda em mercado Venda ambulante (rua) Outro (especifique):

Quais produtos/serviços comercializa? _____

Possui licença/autorização municipal? Sim Não

Participa em alguma associação (ex. ASSOTSI)? Sim Não

Parte IV: Condições de Trabalho e Rendimento

Qual é, em média, o rendimento mensal obtido no comércio informal?

Menos de 3.000 MT 3.001 – 6.000 MT 6.001 – 10.000 MT

Mais de 10.000 MT

Esse rendimento é suficiente para sustentar o agregado familiar? Sim Não

Número de dependentes sustentados pelo rendimento: _____

Quais as principais dificuldades que enfrenta na actividade informal? (pode assinalar mais de uma)

Falta de espaço adequado para vender

Falta de acesso a crédito

Concorrência elevada

Repressão/fiscalização das autoridades

Baixo poder de compra dos clientes

Outro: _____

Parte V: Perspectivas Futuras

Pretende permanecer nesta actividade nos próximos 5 anos?

Sim

Não

Não sabe

Caso não, qual seria a sua alternativa?

Emprego formal

Agricultura

Negócio próprio (formalizado)

Outro: _____

Anexo B: Guião de Entrevista Semiestruturada dirigida aos vendedores informais da Cidade de Maputo.



Esta entrevista integra o Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Geografia e tem como finalidade recolher informações para uma investigação científica sobre o perfil migratório dos vendedores informais na cidade de Maputo. Cujo objectivo consiste em compreender as trajetórias migratórias, experiências de trabalho e perspectivas dos vendedores informais migrantes. A sua participação é essencial para enriquecer este estudo, todas as respostas são anónimas e usadas apenas para fins académicos e terá duração de cerca de 20 a 30 minutos. Portanto, a conversa orientada por um guião de perguntas abertas, permitindo partilhar experiências de forma livre.

Agradecemos a sua colaboração e disponibilidade em participar nesta investigação.

Dados Pessoais.

1. Nome (opcional) _____; Idade _____; Sexo _____.

1. Pode falar-me da sua origem e do motivo que o trouxe para cidade Maputo?

2. Migrou sozinho ou acompanhado?

3. Há quanto tempo vive e trabalha na cidade?

4. Como iniciou a sua actividade no comércio informal?

5. Que produtos que vendes e porquê?

6. Quais os principais desafios que enfrenta?

7. Participa em alguma associação de vendedores? Qual a sua importância?

8. Pretende continuar nesta actividade nos próximos anos? Porquê?

9. Que mudanças gostaria de ver no comércio informal em Maputo?

10. Que tipo de apoio governamental ou comunitário considera essencial?

Anexo C: Guião de entrevista dirigida aos dirigentes e funcionários do Conselho Municipal da Cidade de Maputo.



Este inquérito insere-se no âmbito do trabalho de fim de curso da Licenciatura em Geografia e tem como finalidade recolher dados para uma investigação científica. O estudo tem como objectivo analisar o perfil migratório dos vendedores informais na cidade de Maputo, com destaque para as suas características demográficas (como sexo, idade, escolaridade, local de origem e renda) e para os factores que explicam a sua inserção neste sector. Gostaria de reforçar que a sua opinião é essencial para o sucesso deste estudo, as respostas são confidenciais e usadas apenas para fins académicos e o preenchimento do questionário terá uma duração aproximada de 15 minutos.

Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade em participar. Por favor, assinale com um “X” todas as opções que se aplicam.

Parte A: Identificação

1. Nome do entrevistado: _____
2. Cargo/Função: _____
3. Departamento/Serviço: _____

Parte B: Comércio Informal na Cidade de Maputo

4. Como caracteriza a dimensão do comércio informal na cidade?
 Muito elevado Elevado Moderado Reduzido
5. Quais são, na sua opinião, os principais factores que explicam a expansão do comércio informal em Maputo?
 Desemprego Migração rural-urbana Falta de espaço no mercado formal
 Outros: _____

6. Quais têm sido as principais dificuldades do Conselho Municipal na gestão do comércio informal? (assinale todas as que se aplicam)
- Escassez de recursos financeiros Resistência dos vendedores Falta de coordenação institucional Pressão social/política Outros: _____
7. O Conselho Municipal tem políticas específicas para apoiar vendedores informais?
- Sim (especifique): _____ Não
8. Existem iniciativas de cooperação com associações como a ASSOTSI?
- Sim Não
- Se sim, em que áreas? _____
9. Na sua perspectiva, quais seriam as melhores soluções para melhorar as condições do comércio informal em Maputo?
